



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ISMAEL DA SILVA ROCHA

**O impacto da autoconstrução de casas na produção do espaço urbano do distrito
Iguatemi, Zona Leste de São Paulo**

SÃO
PAULO
2024

ISMAEL DA SILVA ROCHA

**O impacto da autoconstrução de casas na produção do espaço urbano do distrito
Iguatemi, Zona Leste de São Paulo**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado
ao Departamento de Geografia da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade
de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Simone Scifoni

SÃO
PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, à minha mãe Renata, pois, apesar de ela não ter concluído o ensino básico, incentivos não faltaram para que eu continuasse trilhando o caminho da educação. Obrigado por sempre ter apoiado minhas decisões, além de ter me criado da melhor maneira possível.

À Márcia, minha irmã, que sempre manteve minha cabeça acima da água para que eu não me afogasse em momento algum.

À minha orientadora Simone Scifoni, pelo suporte que prestou durante o trabalho e por ter me feito um amante da geografia urbana desde as aulas que ministrou na graduação.

Aos amigos queridos que fiz durante todo o período de graduação: Bianca (Bia), Dimitry (Dimi), Igor, Manuela (Manu), Matheus Alvim, Letícia de Araújo, Rebeca Duarte, Talita Ventura e Yone Maximiano. Sempre vou lembrar das nossas reflexões, debates e risadas.

Aos entrevistados deste trabalho, que foram tão gentis ao abrirem as portas de suas casas pra mim e disponibilizarem um tempo para conceder a entrevista.

Por fim, aos meus amigos e familiares de Bocaina-PI, cidade na qual nasci e morei até os 10 anos de idade. Hoje carrego comigo muitas lembranças e saudades.

Este trabalho não seria possível sem o apoio de cada uma das pessoas citadas acima. Desejo o melhor para todos.

EPÍGRAFE

O tempo é somente porque algo acontece, e onde algo acontece o tempo está.

Milton Santos, 1996.

RESUMO

Partindo da geografia urbana, este trabalho de graduação individual busca interpretar as transformações do espaço geográfico, na região do distrito Iguatemi, Zona Leste da capital paulista. Portanto, a partir de elementos históricos, sociais e geográficos, o assunto abordado permeia quais são as motivações por detrás da ocupação do distrito Iguatemi e as possíveis consequências urbanas decorrentes da prática da autoconstrução de moradias a partir dos anos 1970. Para isso, foram adotados alguns procedimentos metodológicos que fundamentam o trabalho, em especial análise bibliográfica, com autores que estudaram a temática levantada, além do trabalho de campo.

Palavras chave: geografia urbana; distrito Iguatemi; autoconstrução de moradias.

ABSTRACT

Based on urban geography, this individual undergraduate thesis seeks to interpret the transformations of the geographic space in the region of the Iguatemi district, East Zone of the capital of São Paulo. Therefore, based on historical, social and geographical elements, the subject addressed permeates the motivations behind the occupation of the Iguatemi district and the possible urban consequences arising from the practice of self-construction of housing since the 1970s. To this end, some methodological procedures were adopted that underpin the work, in particular bibliographical analysis, with authors who studied the topic raised, in addition to fieldwork.

Keywords: urban geography; Iguatemi district; self-construction of housing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. SURGIMENTO DO DISTRITO IGUATEMI: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E GEOGRÁFICO	10
2. MORADORES DO DISTRITO IGUATEMI	18
3. SERVIÇOS URBANOS-SOCIAIS DISPONÍVEIS NO DISTRITO IGUATEMI.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

O presente estudo desenvolve uma pesquisa embrenhada na área da geografia urbana, numa tentativa de compreender a lógica geográfica e social do distrito Iguatemi, localizado no extremo leste da maior metrópole do Brasil. Ao andar pelas ruas e vielas de alguns bairros do distrito em questão, foi possível conceber a necessidade de estudar mais a região, dada a ausência do poder público em alguns dos problemas urbanos encontrados, bem como: moradia popular, pavimentação de ruas inadequada ou inexistente, coleta de lixo, transporte público, etc. Portanto, ao decorrer do trabalho, é possível perceber que o crescimento populacional desenfreado, sem a devida urbanização planejada, transformou o distrito Iguatemi em um símbolo da desigualdade social e da ausência de serviços públicos de qualidade para a população carente.

Neste sentido, segundo Milton Santos, possivelmente essas problemáticas das periferias paulistanas tiveram início da seguinte maneira:

“O crescimento metropolitano resulta de um conjunto de processos sistematicamente interligados, entre os quais a integração do território, a desarticulação das economias tradicionais e dos cimentos regionais, os novos papéis da circulação no processo produtivo, o desencadeamento de grandes correntes migratórias, paralelamente ao processo de concentração das rendas. Esse conjunto de processos traz às grandes cidades numerosas levas de habitantes do campo e das cidades menores, que se instalam como podem, e, via de regra, terminam por se aglomerar nas enormes periferias desprovidas de serviços e onde o custo de vida, exceto o da habitação assim conquistada, é mais caro do que nas áreas centrais”.
(Santos, 1990).

Logo, para que se pudesse compreender tal ponto, foi preciso averiguar o que desencadeou o processo de ocupação desenfreada na região, quem participou desse processo e as possíveis adversidades urbanas e geográficas geradas a partir da prática da autoconstrução de moradias urbanas, visto que, dado a ausência do Estado, o fenômeno dos loteamentos informais se tornou um negócio rentável para os loteadores de terras. A omissão no combate dos loteamentos clandestinos e precários viabilizava a criação, com reduzido investimento, de vastíssimo estoque de lotes populares, onde as casas poderiam ser edificadas sem nenhuma restrição legal (Bonduki, 1998).

A partir disso, foi feito um esforço para tentar entender, mesmo que ligeiramente, até que medida a configuração atual dos bairros está relacionada com a rápida urbanização e, conseqüentemente, com o sistema capitalista de produção, visto que:

“Nunca é demais lembrar, como já fizeram numerosos autores, que a existência das cidades precede o capitalismo, no entanto, com ele as cidades mudam. E mudam a tal ponto que é impossível pensá-lo sem elas. Especificidades no processo de urbanização acompanham as diferentes fases do capitalismo colonial-industrial ou global financeiro nos países centrais ou periféricos. Em algum momento do século XX o mundo passou a ser predominantemente urbano e essa crescente concentração de população nas cidades traz novas características para as sociedades e para a humanidade.” (Maricato, 2015)

Perseguindo tal hipótese, ao longo da pesquisa me baseei em assuntos e fontes teóricas, sendo particularmente livros, dados estatísticos, artigos e trabalhos acadêmicos que abordam a temática escolhida. Para tanto, alguns dos autores citados e parafraseados foram: Milton Santos, Ermínia Maricato, Kowarick e Bonduki, os quais são grandes responsáveis por contribuir na fundamentação teórica a respeito da dinâmica da cidade de São Paulo no contexto capitalista, abordando a questão da migração do trabalhador para as áreas periféricas em decorrência de vários fatores urbano-sociais.

Ademais, foi de extrema importância coletar e interpretar imagens de satélite, fotografias aéreas e cartas temáticas de fontes variadas, ao ponto de elaborar mapas e tabelas sobre os mais diversos dados do distrito Iguatemi. Além de pesquisar bibliograficamente sobre o assunto, também foram realizadas pesquisas qualitativas acima do fenômeno escolhido por meio da aplicação de entrevistas abertas com os moradores locais acima dos 30 anos de idade.

Ainda assim, se mostrou necessário a realização de trabalhos de campo para anotar e fotografar observações empíricas a respeito do espaço urbano do distrito Iguatemi, no qual, uma boa parte da minha família e amigos residem atualmente. Sempre que vou visitar minha irmã, que mora no bairro Jardim Nova Vitória, me vejo observando cada casa, rua e viela do distrito Iguatemi.

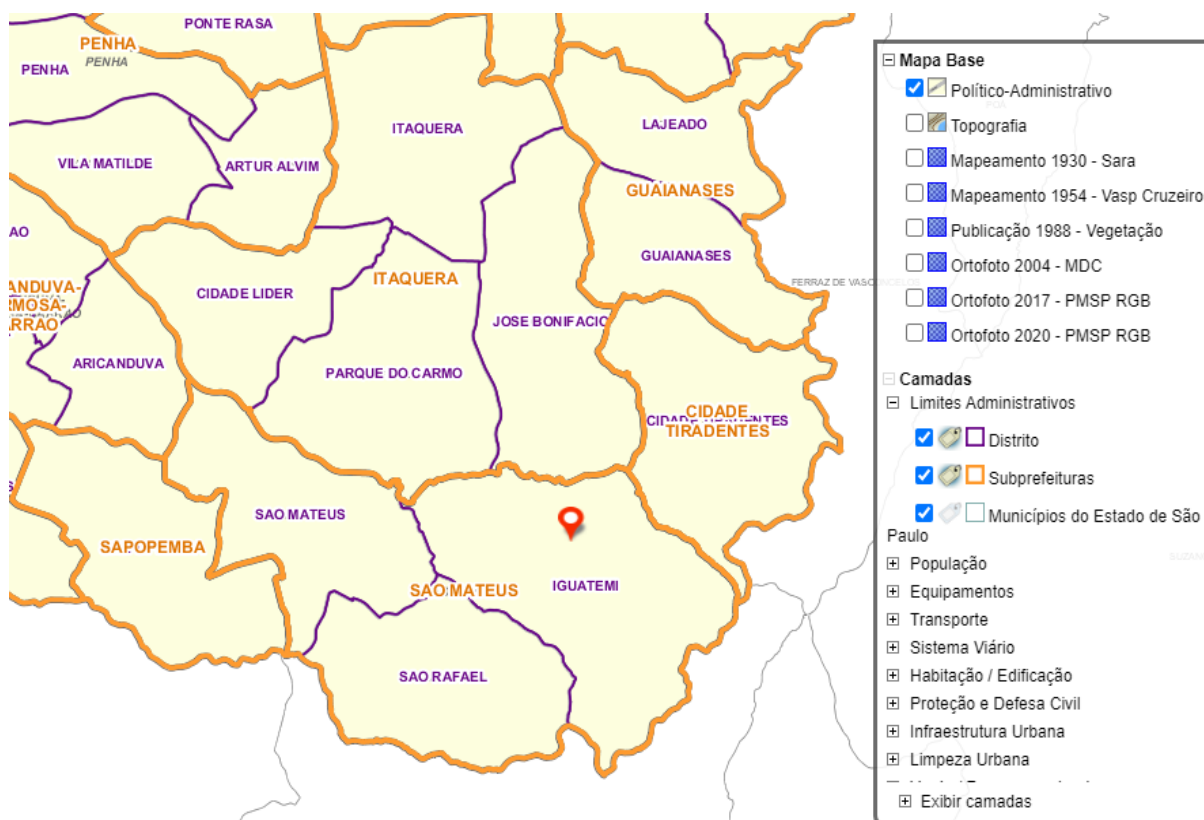
No primeiro capítulo, é feita uma análise acerca do surgimento do distrito Iguatemi e do agrupamento populacional. Aqui foi necessário buscar mapas geográficos, documentos e textos bibliográficos nas mais diversas fontes para encontrar indícios do início da ocupação urbana na região.

Já o capítulo dois, este aborda a situação econômica atual dos moradores, as características sociais e a integração dos habitantes do distrito com o resto da cidade. Neste capítulo, as entrevistas com residentes locais foram de extrema importância para a compreensão geral da pesquisa.

O capítulo três, por sua vez, trata dos serviços urbano-sociais disponíveis no distrito Iguatemi a partir de uma análise da quantidade e da qualidade de serviços essenciais, tais como: transporte público, lazer e serviços básicos. Aqui os trabalhos de campo foram de extrema importância para corroborar com a bibliografia pesquisada.

Neste sentido, o distrito Iguatemi se tornou um bom objeto de estudo referente ao processo de periferização da cidade de São Paulo, contando com a história de bairros que foram consolidados em antigas chácaras próximas à mata atlântica e as nascentes dos rios Aricanduva, Limoeiro e Palanque. Hoje, a localização e divisão administrativa do distrito Iguatemi se encontra da seguinte forma:

Figura 1 - Localização do distrito Iguatemi



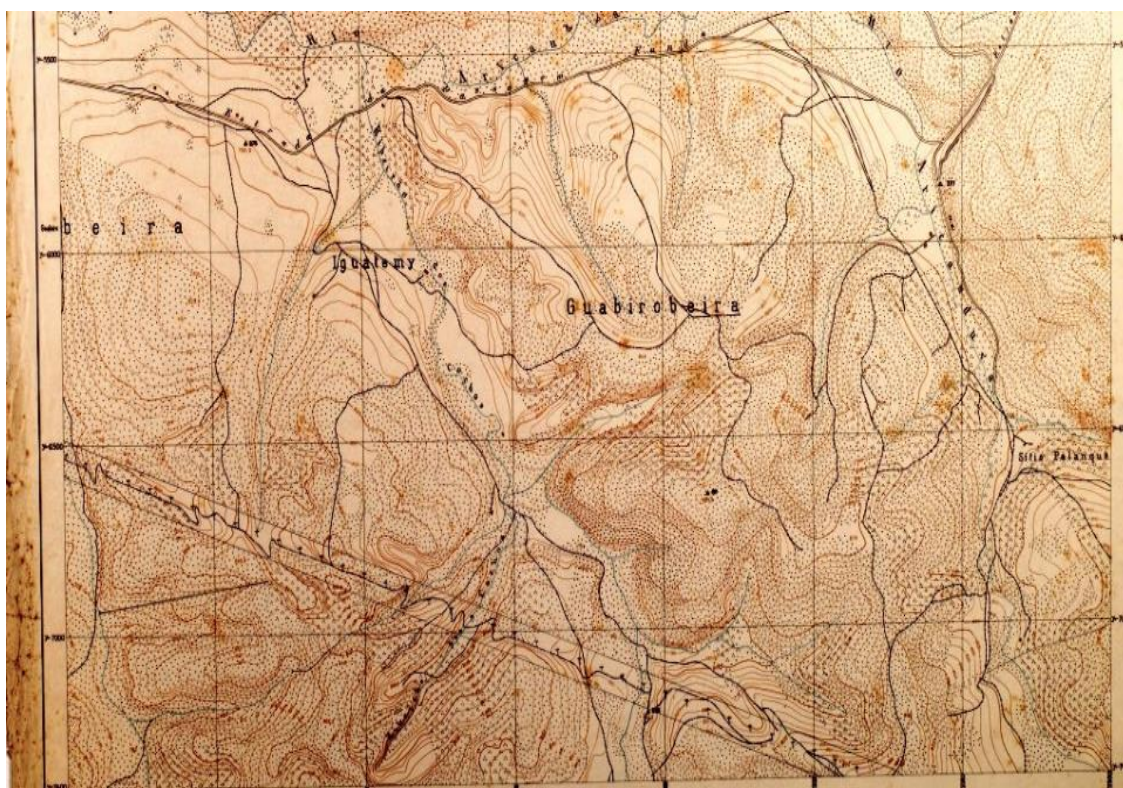
Fonte: Geosampa (camada distritos e subprefeituras) Acesso em: 25/05/2023

CAPÍTULO 1. SURGIMENTO DO DISTRITO IGUATEMI: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E GEOGRÁFICO

De acordo com Toledo (2012), numerosos eram os sítios e chácaras no vale do rio Aricanduva e em outros afluentes do Tietê. Esses sítios foram ocupados por imigrantes europeus e japoneses. A presença de rios como o Tietê, e também seus afluentes, foram fundamentais como vias naturais de acesso para ocupação periférica na Zona Leste da cidade de São Paulo.

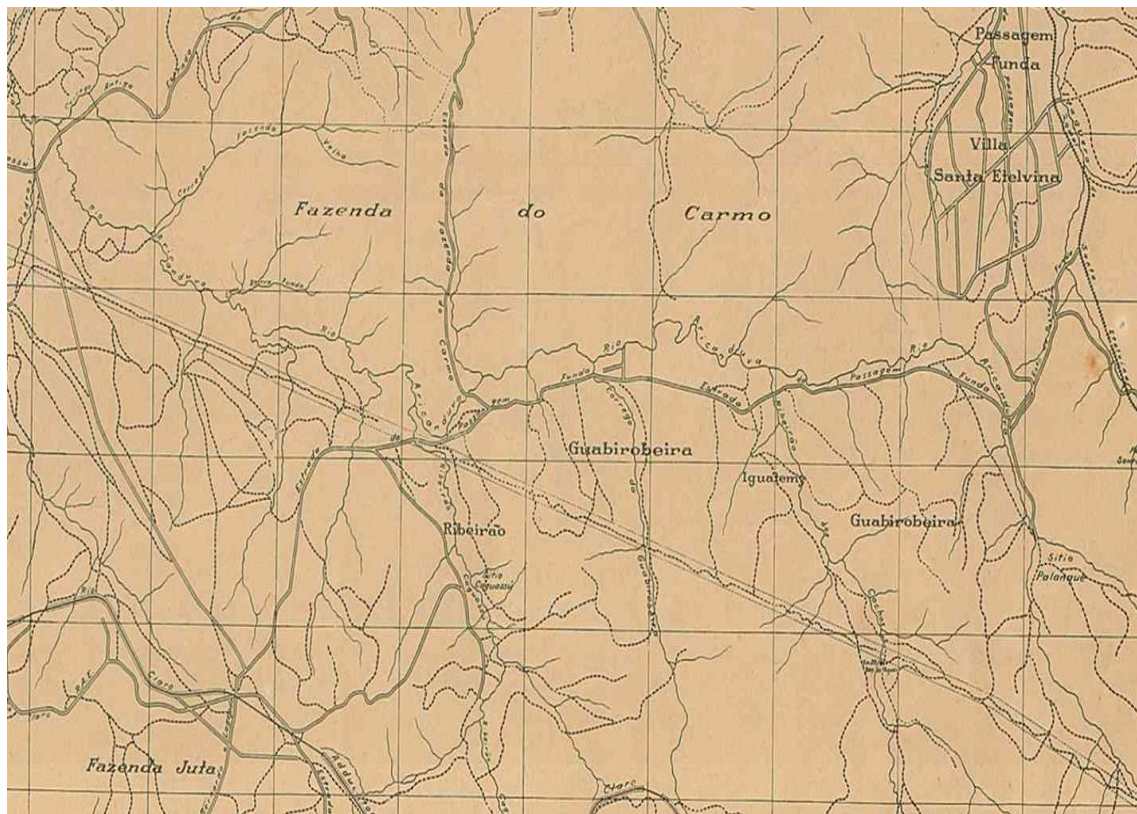
Neste sentido, segundo o portal da prefeitura de São Paulo (2008), a área onde se situa o atual distrito do Iguatemi, até o final da década de 1960, está inserida nessa lógica e era formada por sítios e chácaras conhecidos por Guabirobeira e Iguatemi. Os primeiros loteamentos foram Vila Eugênia, Jardim São Gonçalo, Jardim Roseli e Jardim Marilú (abertos em 1965) seguidos por outros na década de 1970. Entretanto, não foi possível encontrar documentos cartoriais que nos possam dar pistas de como aconteceram os processos de loteamentos nessa região da cidade.

Figura 2 - Mapa topográfico do município de São Paulo. (Sistema Sara), 1930



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Figura 3 - Fazendas do sudeste da parte leste do município de São Paulo, 1943

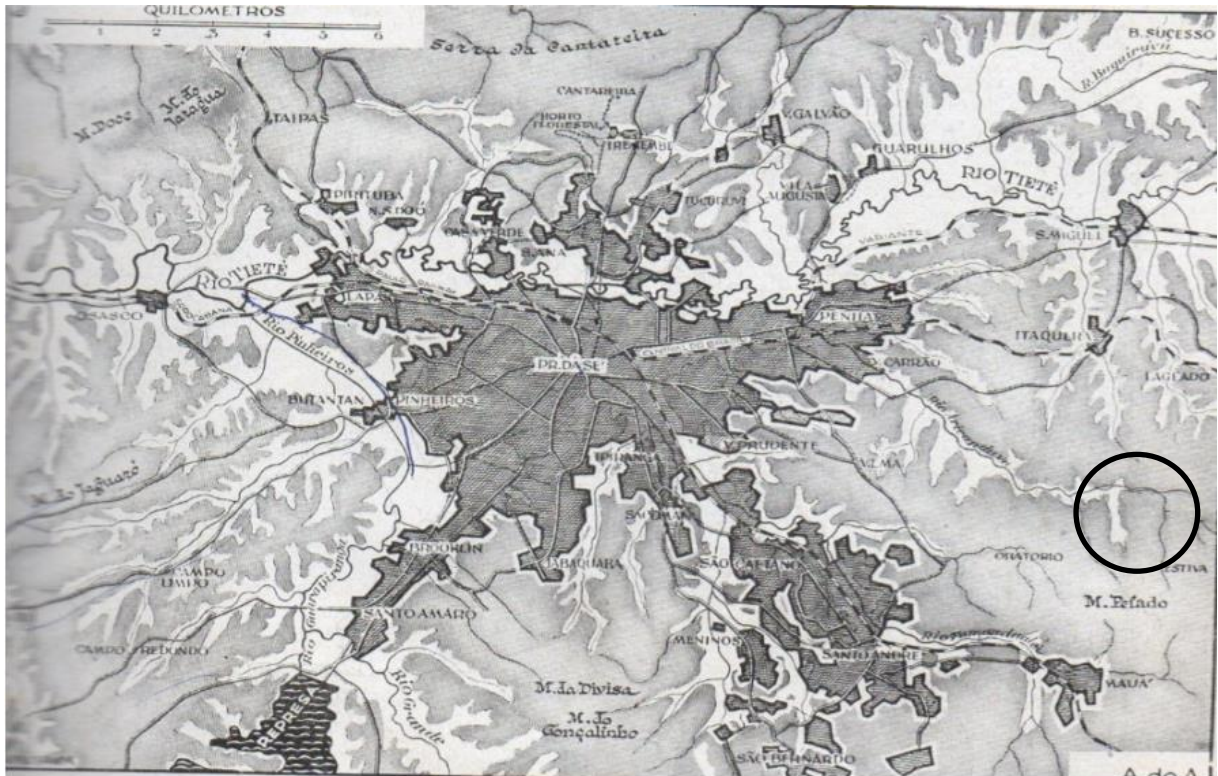


Fonte: Histórico demográfico da cidade de São Paulo. Disponível em:

http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg. Acesso em: 20/06/2023.

Contudo, os mapas da figura 1 e 2 são chaves para entender a localização do distrito Iguatemi, sendo possível notar uma região rural marcada, entre os anos de 1930 e 1940, pela ausência de povoamento e de obras públicas. Em ambos os mapas temos o rio Aricanduva, que é um dos principais rios afluentes do rio Tietê na cidade de São Paulo, mas também os territórios das fazendas Guabirobeira e Iguatemi, os quais formam hoje o atual distrito do Iguatemi.

Figura 4 - Planta do município de São Paulo e redondezas



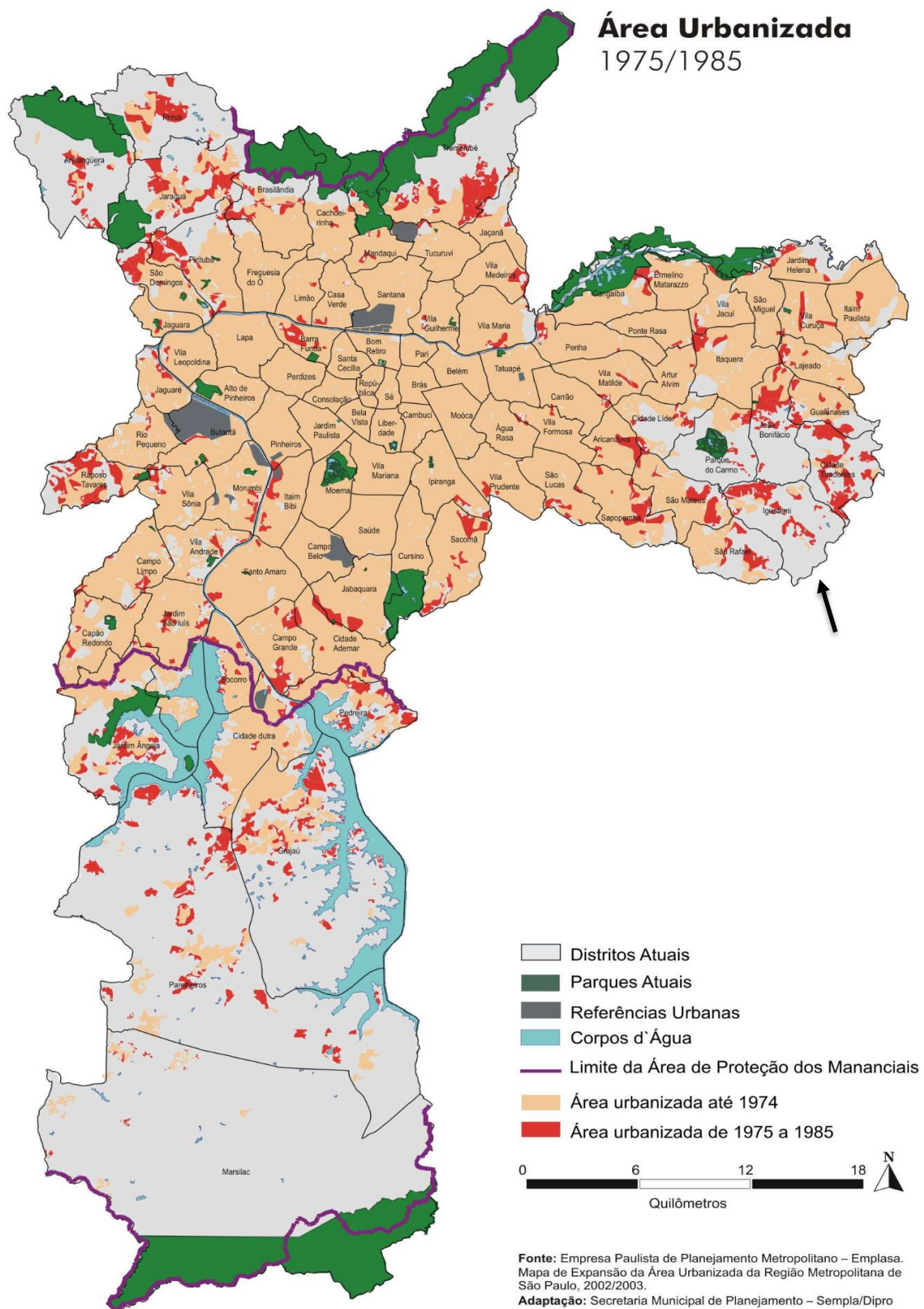
Fonte: Azevedo, Fernando. Subúrbios orientais de São Paulo. FFCL-USP, 1945.

Logo, ao observarmos a figura de 1945, percebemos que a cerca de 23 quilômetros do centro da capital, o atual distrito Iguatemi (onde está localizado o círculo na imagem), bem como a região da subprefeitura de São Mateus, de modo geral, ainda não se encontra urbanizada. Nesta perspectiva, segundo uma apuração feita pela agência mural de jornalismo (2021):

“Os primeiros moradores se estabeleceram de fato na região na década de 1950 por meio de pequenas propriedades rurais. Entre os anos de 1970 e 1990, imigrantes – nordestinos, em sua maioria – chegaram ao Iguatemi. Mas foi apenas em 1992 que ele foi oficializado como um distrito.” (Agência Mural, 2021).

Consequentemente, como mencionado acima pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias, o distrito Iguatemi passa a ser inserido na evolução da mancha urbana do município de São Paulo a partir dos anos 1970, onde indica um processo de espraiamento definido como crescimento urbano desconcentrado. No próximo anexo (figura 5) percebemos que o distrito Iguatemi se urbanizou mais do que o dobro entre os anos de 1975-1985 do que tinha se urbanizado até esse período. Enquanto isso, as regiões mais centrais da cidade permanecem quase que inalteradas. Vejamos:

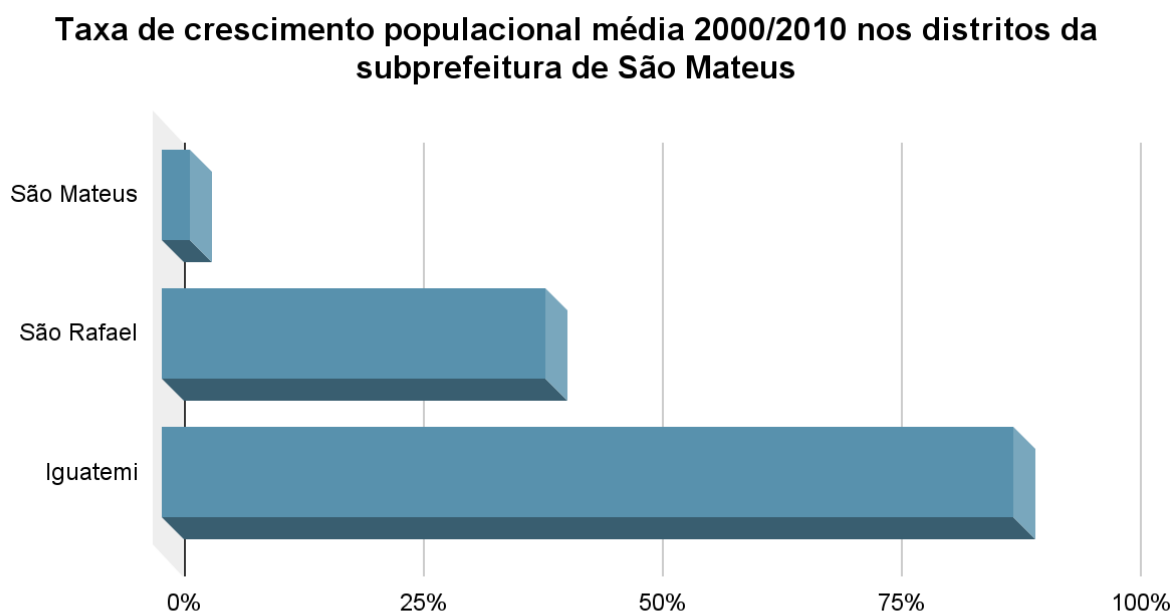
Figura 5 - Evolução demográfica do município de São Paulo: Anos 1975 a 1985



Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo. Disponível em:
http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1980.jpg

Mais recentemente, seguindo essa lógica de crescimento populacional, podemos ver no gráfico 1 a seguir que, segundo os dados do IBGE, o distrito também teve um boom populacional percentualmente superior aos distritos vizinhos (São Mateus e São Rafael) entre os anos 2000 e 2010:

Gráfico 1



Fonte: Censos 2000 e 2010/IBGE e dados da PMSP.

Logo, o distrito Iguatemi, localizado no extremo leste da capital paulista, é atualmente contextualizado como um povoamento periférico que surgiu de forma rápida, mas que acabou modificando o quadro geográfico local, passando de uma porção descampada da cidade para uma região com inúmeros bairros e vilas. Este processo começou nos anos 1970 perdurando até os dias atuais (Ponciano, 2004). Tal aglomeração populacional resultou em características únicas para a região estudada no que diz respeito à urbanização periférica e a questão das singularidades sociais dos moradores locais.

Devido a ocupação recente, o distrito Iguatemi tem fortes laços com a prática da autoconstrução de moradia por trabalhadores migrantes de outras regiões da cidade e do país, mas se trata, nas palavras de Kowarick, de uma fórmula só paradoxal na aparência, pois ao mesmo tempo exclui os trabalhadores do mercado formal de moradias e os obriga a construí-las (Kowarick, 2000). Portanto, ao nos referirmos à autoconstrução de casas, muitos são os

nomes usados para designar essa forma de construção: casas domingueiras, casas de periferia, casas próprias autoconstruídas, casas de mutirão (Bonduki, 1998).

Nesse sentido, esse fenômeno acontece, ainda segundo Kowarick (2000), porque pode-se dizer, em suma, que a espoliação urbana não é apenas outra faceta do trabalhador pauperizado. Ela decorre, convém insistir, do processo de acumulação do capital, mas também da dinâmica das lutas e reivindicações em relação ao acesso à terra, habitação e bens de consumo. A falta de acesso à terra para construção de habitações, juntamente com a especulação imobiliária, pode tornar a moradia inacessível para muitos, levando a situações de precariedade habitacional. À vista disso, o conceito de Kowarick (2000) é definido da seguinte maneira:

“Trata-se de um conjunto de situações que pode ser denominado de *espoliação urbana*: é somatória de extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta desta. Na Grande São Paulo, são inúmeras as manifestações dessa situação espoliativa, que vão desde as longas horas despendidas nos transportes coletivos até a precariedade de vida nas favelas, cortiços ou casas autoconstruídas em terrenos geralmente clandestinos e destituídos de benfeitorias básicas, isto para não falar da inexistência das áreas verdes, da falta de equipamentos culturais e de lazer, da poluição ambiental, da erosão e das ruas não pavimentadas e sem iluminação.” (KOWARICK, 2000)

Seus moradores, possivelmente grande maioria de migrantes, sobretudo de vários estados do Nordeste, são hipoteticamente os responsáveis pela ocupação urbana desenfreada, causada a partir do deslocamento forçado para áreas mais afastadas do centro da capital paulista, como é o caso do distrito Iguatemi. De todo modo, isso implica uma injustiça percebida na forma como os recursos urbanos são distribuídos, gerando impactos negativos para determinadas comunidades. Consequentemente, a partir do conceito de espoliação urbana (Kowarick, 1979) podemos inferir que a exploração do trabalho humano, os baixos salários e a ausência de habitação popular, podem ter desencadeado e potencializado esse processo de ocupação.

“Na década de 1940, em consequência da crise habitacional, da desestruturação do mercado rentista e da incapacidade do Estado em financiar ou promover a produção de moradia em larga escala, consolidou-se uma série de

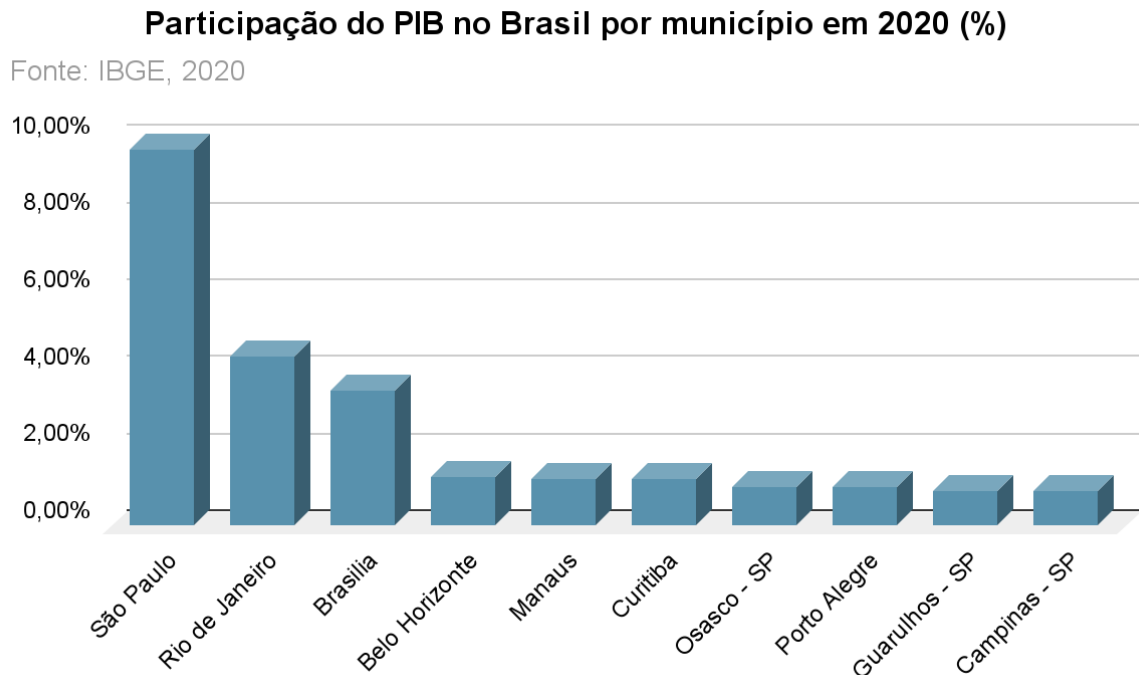
expedientes de construção de casas à margem do mercado informal e do Estado que, de modo sintético, irei chamar de auto-emprego da moradia popular, baseado no trinômio loteamento periférico, casa própria e autoconstrução”. (Bonduki, 1992)

À vista disso, a prática da autoconstrução e do loteamento periférico está protamente relacionado ao fenômeno da metropolização e industrialização da cidade de São Paulo, sendo importante lembrar que, apesar de se tratar de uma região periférica, ainda assim, estamos nos referindo a uma aglomeração urbana na cidade. Assim ressalta Lencioni (2008):

“A metrópole coesa, como “grande cidade”, é a forma clássica da metrópole. O seu espraiamento por um extenso território e seus limites imprecisos pode levar a entender que o que é disperso não é o aglomerado, mas o novo patamar da urbanização. Trata-se apenas de uma aparência, pois o que é disperso é a forma que assume a aglomeração. Seja qual for a configuração metropolitana, quer seja um espaço mais denso ou mais disperso, esse espaço é condição, processo e produto associado à urbanização, que tem na ideia de aglomeração um dos elementos centrais de sua definição. Portanto, o que é disperso é sua forma.” (Lencioni, 2008).

A cidade espraiada pode ser, ao mesmo tempo, concentrada e centralizada. Por concentração entende-se o processo que faz expandir os meios de produção e de trabalhadores, ampliando, assim, a base da acumulação e confundindo-se com ela. (Lencioni, 2008). Aqui podemos colocar na discussão o processo de acumulação de capital, no qual, o município de São Paulo está inserido, pois segundo o IBGE, só a capital paulista apresentou, na pandemia de 2020, um valor de 9,8% de participação no PIB nacional. Além disso, a atividade econômica na Cidade-região de São Paulo, que reúne 92 municípios adjacentes com forte interação, gerava o equivalente a quase 1/4 do PIB do país, sendo a região metropolitana um grande motor na questão da produção de riqueza.

Gráfico 2



Como aponta o gráfico acima, dentre os 10 maiores PIBs nacionais, de um país com 5.570 municípios (IBGE, 2022), 4 deles estão no Estado de São Paulo, sendo o mais rico destes o próprio município de São Paulo, enquanto outros dois (Osasco-SP e Guarulhos-SP) fazem parte da região metropolitana. Vemos aqui uma dinâmica de concentração de riqueza muito expressiva em um país com dimensões continentais.

No que diz respeito à centralização, segundo Lencioni (2008), centralizar é, acima de tudo, centralizar capitais. O processo de centralização constitui-se num processo em que frações individuais de capitais se associam, se fundem ou se reagrupam. Desaparecem inúmeros capitais individuais, quer por absorção de uns pelos outros, quer por associações ou fusões entre os capitais, dentre outras formas de centralização (Lencioni, 2008). Ou seja, uma vez que a centralização do capital agrupa agentes da sociedade a fim de monopolizar e controlar os processos financeiros e sociais, a dinâmica da cidade acaba acompanhando este fenômeno.

Assim sendo, a partir de tudo apontado até aqui a respeito da região estudada, podemos inferir, segundo Maricato (1996) que com um pouco mais de um século de existência no Brasil, as favelas, assim como os cortiços e os loteamentos periféricos, se tornaram regiões oportunas para o surgimento e aglomeração de trabalhadores a partir do fenômeno da autoconstrução de moradia própria, pois, ainda segundo Maricato, tais indivíduos não têm acesso ao mercado imobiliário capitalista, restrito à apenas uma parcela da população. Portanto, na medida em que os moradores do distrito Iguatemi estão postos nessa lógica de cidade, própria do sistema

capitalista de produção, muitos acabam não percebendo a realidade na qual estão inseridos, realidade esta, chamada por Santos (2000) de globalização como perversidade.

“De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.” (Santos, 2000).

Em outras palavras, apesar de estarmos falando de uma cidade com grande concentração de riqueza, essa riqueza está acumulada somente na mão de alguns grupos, que por sua vez, escolhem suas localidades para que se possa estabelecer um epicentro do capital financeiro. Ou seja, o distrito Iguatemi estar inserido na cidade de São Paulo não o torna centralidade da cidade em nenhum aspecto, devido a baixa concentração de empresas, eventos culturais, turísticos ou de qualquer outra natureza.

“(…) a representação da ‘cidade’ é uma ardilosa construção ideológica que torna a condição de cidadania um privilégio e não um direito universal: parte da cidade toma o lugar do todo. A cidade da elite representa e encobre a cidade real. Essa representação, entretanto, não tem a função apenas de encobrir privilégios, mas possui, principalmente, um papel econômico ligado à geração e captação da renda imobiliária”. (MARICATO, 1982).

No fim, apesar das periferias desempenharem um papel importante ao garantir um excedente de mão-de-obra barata, a cidade centralizada é a única que de fato representa importância econômica, social e cultural para um determinado grupo dominante, como bem apontou Maricato.

CAPÍTULO 2. MORADORES DO DISTRITO IGUATEMI

Apesar do processo hegemônico capitalista, Milton Santos (1990) diz que em cada aglomeração, sua significação não é independente dos outros aspectos da história urbana e da história nacional, e é isso que lhe dá singularidade. Esse fato me fez seguir em frente com o meu tema, pois esse distrito na periferia de São Paulo está intrinsecamente ligado, em menor ou maior grau, com a história da cidade, uma vez que acomoda modelos únicos de vida e uma grande variedade de grupos étnicos e culturais.

Neste sentido, a qualidade de vida nas periferias de São Paulo pode variar bastante de acordo com vários fatores, incluindo o bairro específico, as condições socioeconômicas das famílias e as políticas públicas disponíveis. Um dos principais aspectos que influenciam a qualidade de vida nessas áreas é a qualidade das moradias que podem variar, desde casas bem estruturadas até habitações precárias. Além disso, a falta de infraestrutura básica, como água potável e saneamento, pode ser um problema em algumas áreas e pode estar diretamente atrelada ao processo da autoconstrução, pois, os trabalhadores se sujeitariam, assim, a morar de maneira precária e trabalhar no final de semana, convencidos de que seria uma condição temporária (Bonduki, 1998).

Seguindo um padrão, as periferias de São Paulo comportam uma grande parcela de loteamentos irregulares, e o distrito Iguatemi se destaca por ter uma grande parte do seu terreno ocupado em áreas ainda não regulamentadas judicialmente. Portanto, sabendo que o estabelecimento de normas e procedimentos para o parcelamento do solo urbano é de competência do município (SAULE JR., 2008), o loteamento irregular é caracterizado por ter obtido, de alguma forma, o reconhecimento do processo de ocupação do lote, entretanto, ainda não foi totalmente aprovado pelo poder público.

[illegible]

Fonte: Geosampa, acesso em 10/11/2023

Por conseguinte, neste capítulo é necessário entender, a partir dos relatos pessoais, os motivos pelos quais levaram alguns indivíduos a ocupar o distrito iguatemí, buscando compreender suas motivações e seus anseios ao se estabelecerem em uma região que possui uma história urbana tão recente. Para tanto, uma das primeiras entrevistadas é a dona Maria, uma moradora do bairro Recanto Verde do Sol, que viu na autoconstrução da casa própria a oportunidade de sair do aluguel e garantir a sua subsistência e também a de sua família. Assim como inúmeros migrantes nordestinos, ela relata o seguinte:

“Eu nasci no interior da Bahia e vim com o meu marido para São Paulo no ano de 1996. Nós morávamos no Jardim Madalena, que por causa da violência local, tinha aluguéis mais baratos. Meu primeiro trabalho foi de ajudante geral em um hospital aqui em São Paulo, no qual eu ganhava um salário mínimo (...) me lembro de ficar cada vez mais difícil de pagar o aluguel, água, luz e o alimento. Foi por isso que, naquele ano, a gente viu na invasão uma oportunidade de sair do aluguel.”

Quando perguntada sobre como ela descobriu o processo de invasão nestes locais, a interlocutora conta que as notícias se espalharam rápido ao serem impulsionadas pelo anseio dos trabalhadores em ter uma casa própria:

“Ficamos sabendo que as pessoas estavam cortando a mata com facões e caminhando para áreas mais afastadas da região central de São Mateus. Nessa fase da década de 90, já não estava tendo muita situação de derrubar, por parte da prefeitura, as casas que estavam prontas, mas antes disso sim. Por sorte, eu consegui comprar o terreno de outra pessoa que já tinha feito o processo de cercar e demarcar o local usando ripas de madeira. Eu lembro que na época, eu paguei uma quantia de mil e quinhentos reais pelo terreno que não possuía nenhuma documentação legal. Depois disso, passei a levantar minha casa através do mutirão de toda minha família, sem nenhuma ajuda profissional na parte da construção. Mas claro que todas as pessoas da invasão acabaram se ajudando de alguma forma e muitas compartilhavam entre si comida, água e roupas... só não dava para compartilhar os materiais de construção, pois já não eram muitos e tínhamos que ir comprando aos poucos.”

Apesar de muitas dificuldades enfrentadas, o sonho da casa própria possibilitou que Maria tivesse mais qualidade de vida e pudesse redirecionar os gastos do aluguel para outras atividades, como começar uma faculdade, por exemplo. Hoje professora e ainda morando no mesmo lugar, ela conta muito orgulhosa tudo que passou até conseguir um diploma universitário, ressaltando a importância da casa própria na vida do trabalhador que recebe um salário mínimo mensal.

“No fim, foi graças a minha saída do aluguel que consegui me formar em pedagogia e criar as minhas duas filhas (...) Hoje eu fico muito feliz de já ter conseguido construir mais duas casas em cima da minha. Na casa do meio, mora minha filha mais velha, minha neta e o marido dela, e na casa de cima, minha filha mais nova. Infelizmente, depois de todo esse tempo, ainda falta asfalto em vários trechos na rua aqui de casa, além do saneamento básico de qualidade e segurança na região.”

Dando continuidade a outros relatos, dona Joaquina é mais uma baiana que migrou para São Paulo em busca de uma melhor qualidade de vida. É moradora do bairro Jardim da Conquista desde os anos 2000 e nos conta uma história muito similar, em alguns aspectos:

“Sou baiana, vim pra São Paulo em 1998 e morei de favor por um tempo na casa da minha tia que tinha vindo antes de mim e morava no Jd. Vila Carrão, um bairro

aqui da região. Sempre trabalhei como diarista, desde que cheguei aqui. Nunca tive muito estudo, então eu sempre trabalhei faxinando a casa das minhas patroas...é o que eu sei fazer (...) Nos anos 2000, eu me juntei com o meu ex -marido e a gente foi morar de aluguel em Osasco. Morei por um tempinho de aluguel até comprar o terreno dos meus tios aqui no Jd. da Conquista por um valor, na época, de 2 mil reais. Minha sorte foi que eu consegui pagar parcelado porque era de um familiar meu que tinha conseguido invadir mais de um terreno, sabe? Demorou um tempo até ser legalizado pela prefeitura, mas só sei que, antes mesmo de ter minha documentação nas minhas mãos, nós fizemos – eu e meu marido– uma casinha simples de dois cômodos e um banheiro. Mas assim...meu filho sempre me disse que a maioria dos bairros de São Mateus surgiram de uma invasão e depois foram sendo regularizados através de acordos com os ex-proprietários dos terrenos”.

Quando perguntei sobre a questão do asfalto e da ausência de serviços urbanos essenciais em decorrência do descaso do poder público, dona Joaquina me disse que já foi mais difícil em outros tempos, mas que ela não se arrepende de ter passado por tudo isso para ter sua casa própria:

“Quando cheguei aqui no bairro, apesar da região já estar bastante ocupada com casas e barracões de madeira, ainda não tinha os homens que coletavam o lixo das ruas, não tinha linha de ônibus no bairro, rede de água... Nos primeiros anos morando aqui, a gente tinha que andar na lama para chegar até uma linha de ônibus clandestina que todo mundo usava e era chamada de "ônibus branquinhos". Até por volta de 2001, não existia ônibus ou micro-ônibus dentro das comunidades para o transporte de passageiros, ao invés disso, o transporte era feito pelas vans. Lembro que tinha um cobrador na porta que saía gritando nos pontos o destino da van, por exemplo: "Vai pro Hospital São Mateus! Mateo Bei direto até o hospital!", aí a gente embarcava (...) Sobre as estradas de barro, quando eu cheguei aqui era só barro em todo lugar, não podia chover que eu faltava cair na lama. Teve momentos de eu usar sacola de plástico nos pés, essas de supermercado, para evitar sujar minha sandália. Era uma luta diária...mas tá bom, eu preferia pisar no barro do que ter que pagar aluguel, pois não tinha condições. Só depois, depois dos anos 2000, que muitas ruas daqui começaram a ser asfaltadas e foi muito bom para todo mundo, a qualidade de vida das pessoas aqui do bairro aumentou muito.”

Chegando na rua onde está localizada a casa da entrevistada, foi possível notar uma via bem íngreme, estreita e esburacada, apresentando possíveis dificuldades de acessibilidade por parte de pessoas idosas, deficientes ou até mesmo veículos motorizados. Do lado esquerdo, é possível ver uma moradia construída a partir de lonas e madeiras.

Imagem 1 - Rua onde está localizada a casa da dona Joaquina, no bairro Jd. da Conquista



Fonte: ROCHA, Ismael, 2023.

Por fim, outro testemunho importante é o de seu João, um migrante piauiense e atual morador do bairro Jardim Nova Vitória. Ao se casar, precisou sair da casa de sua mãe e buscar um local para morar:

“Eu nasci no interior do Piauí e vim para São Paulo com minha família no ano de 1997 quando eu já tinha por volta de 15 anos de idade. Morei com minha mãe no Jardim da Conquista até o ano de 2010. Para sair de casa eu tive que me mudar para o bairro mais próximo e com terrenos mais baratos, e foi assim que eu vim morar no meu bairro atual: o Jardim Nova Vitória. Lembro que eu precisei dar o meu carro celta como parte do pagamento do terreno e mais uma quantia de 10 mil reais. E sim, minha casa foi toda construída com o meu próprio suor. As pessoas acham que hoje em dia não existe mais isso, mas a autoconstrução ainda é bem comum porque o pedreiro tá muito caro... Por estar localizado em um barranco, eu tive que cavar todo o terreno até ficar reto e com uma boa base para começar o alicerce. Fiz tudo isso apenas com a ajuda do meu primo. Foram mais de 2 anos de construção e ainda tem muita coisa pra arrumar porque é tudo muito caro e eu ainda preciso trabalhar fora.

Mas assim, foi uma felicidade só quando eu terminei a casa em um nível que já dava pra morar. Infelizmente, no meio do caminho acabei desenvolvendo alguns problemas de coluna e também levei alguns choques na instalação da rede elétrica, mas fico feliz que deu tudo certo.”

Questionado sobre a situação atual do bairro e o que mudou nesses último dez anos, João pontua o seguinte:

“Olha... acho que o pior de tudo é eu ter que trabalhar tão longe porque, querendo ou não, é muito tempo de transporte até chegar aqui. Eu trabalho na República, no centro de São Paulo, e em dias normais eu levo por volta de 3 horas pra ir e 3 horas pra voltar. Se for dias com muita chuva, aí já se viu...tirando isso, acho que o pior daqui é a violência. Mas sobre as invasões, acho que sim, ainda tem invasão de terras por aqui sim, mas hoje em dia acho que menos, né? Antigamente era mais. Só sei que tem uma ocupação na rua ali em cima, eles já cercaram o terreno e acho que estão tentando se entender com a prefeitura, mas, por enquanto, só tem casas de madeira mesmo.”

Após a entrevista, fui convidado pelo João para entrar em sua casa e ver o barranco no qual ele levantou sua própria moradia do zero e com muito suor. Nas próximas imagens é possível notar a profundidade na qual foi erguida sua atual residência, estando localizada em uma provável área de infiltração, além de claro, uma possível área de deslizamento de detritos devido ao evidente acúmulo de destroços nas laterais.

Imagem 2 e 3: Vista vertical a partir da casa de seu João



Fonte: ROCHA, Ismael, 2023.

Aproveitando o relato de seu João sobre as invasões que aconteceram na rua próxima a sua casa, resolvi ir lá pessoalmente e fotografar o local. Chegando na invasão, um morador da área me disse que já foram construídas cerca de 400 moradias no terreno, mas não dá pra saber ao certo o número de famílias que moram no local. Localizada na Avenida Anecy Rocha, no Jardim Nova Vitória, foi possível observar que de fato ocorreram construções dos chamados “barracos de madeira” e que agora estão cercados por um muro de concreto, como podemos ver na imagem a seguir:

Imagem 4 - Terreno ocupado na Rua Anecy Rocha, na altura do número 947



Fonte: ROCHA, Ismael, 2023.

Segundo uma matéria da Band do ano de 2023, já houveram algumas tentativas de reintegração de posse do terreno por parte do poder público, mas em contrapartida, os manifestantes atearam fogo em pneus e pedaços de madeira na via. De acordo com um trecho da notícia: “A polícia foi para o local para o cumprimento da determinação. Em nota, a prefeitura de SP afirmou que a área é particular e que a secretaria de habitação ofertou para as famílias o auxílio aluguel no valor de R\$ 400”.

À vista disso e indo de encontro com a bibliografia pesquisada, podemos dizer que essas regiões que formam o atual distrito Iguatemi foram, e ainda são o epicentro do processo da autoconstrução de casas na região da subprefeitura de São Mateus. Todavia, conforme alguns relatos dos moradores, essa carência de profissionais nas atividades de autoconstrução acarretou em inúmeros problemas de infiltração, desmoronamento de casas e fiações elétricas feita por “gatos”, que além de dar prejuízo em períodos chuvosos, com queima de aparelhos eletroeletrônicos, também já apresentou risco de vida aos moradores que se arriscavam em consertar o emaranhado de fios nos postes de alguns bairros do distrito Iguatemi.

Apesar de terem idades diferentes e morarem em bairros diferentes, é possível mensurar inúmeras semelhanças entre todos os entrevistados. Dentre as características mais notáveis, o que mais se sobrepõe é: trabalham no centro e moram na periferia, tiveram ajuda somente de parentes e amigos na autoconstrução de suas moradias, além, é claro, o fato de todos serem migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida. Neste sentido, a cidade capitalista se constitui em um cenário privilegiado das lutas sociais, na medida em que na sua própria estruturação, opera uma reorganização do espaço, marcada fundamentalmente pela mercantilização do espaço e a organização da cidade baseada na divisão em classes da sociedade (ROLNIK, 1988).

Alguns dos moradores locais, que migraram do nordeste para o distrito Iguatemi, evidenciaram que ainda carregam consigo o sonho de um dia voltar para sua terra natal, haja vista as dificuldades passadas em busca de melhores condições de vida na metrópole paulista. Para que retornem à “terrinha querida”, eles pedem mais oportunidades de trabalho no local onde nasceram.

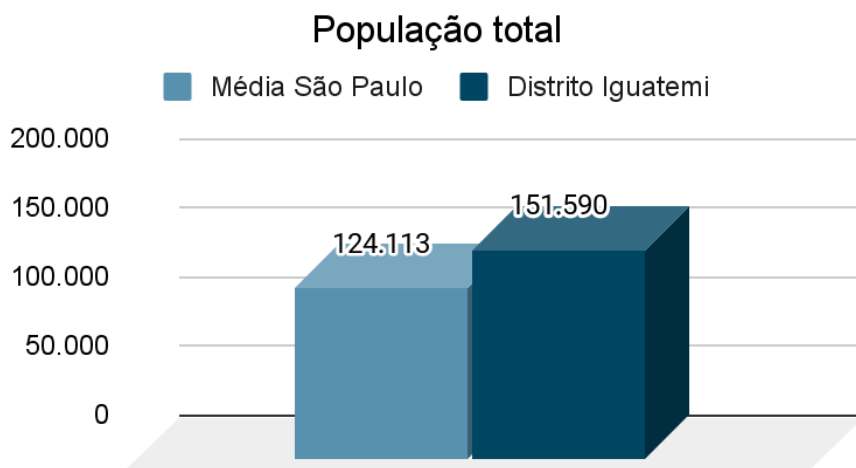
“Que saudade, da maloca onde eu morava
Tinha tudo que adifício não tem
Água na fonte, não fartava não
Nossa luz à querozene
Não apagava também
A noite tinha sempre serenata
O terrero da Maria
Em frente ao botequim do Zé
Cada qual com seu amor
Bem agarrado
Ponha sentido no caso
E diga se é bão ou não é
Desde que mudei pra cidade

Me adescurpe, essa verdade
Não me sinto bem
Cada vez que uma maloca é derrubada
Seu dotor tem a palavra
É o pograma que vem
Que saudade meus senhores
Da maloca dos meus amores”

Maloca dos Meus Amores - Demônios da Garoa (1958)

Contudo, a partir do que já foi discutido, analisaremos alguns dados estatísticos usando uma lógica de comparação entre o distrito Iguatemi e o restante da cidade de São Paulo, a fim de observar possíveis diferenças nas características e qualidade de vida de uma população que divide o mesmo município.

Gráfico 3



Fonte: Sistema seade de projeções populacionais, 2021

O gráfico 3 apresenta a região do distrito Iguatemi com um grande número populacional quando comparado com a média do município de São Paulo. Isso tudo sendo um dos distritos com uma ocupação tão recente, como já vimos anteriormente.

Gráfico 4

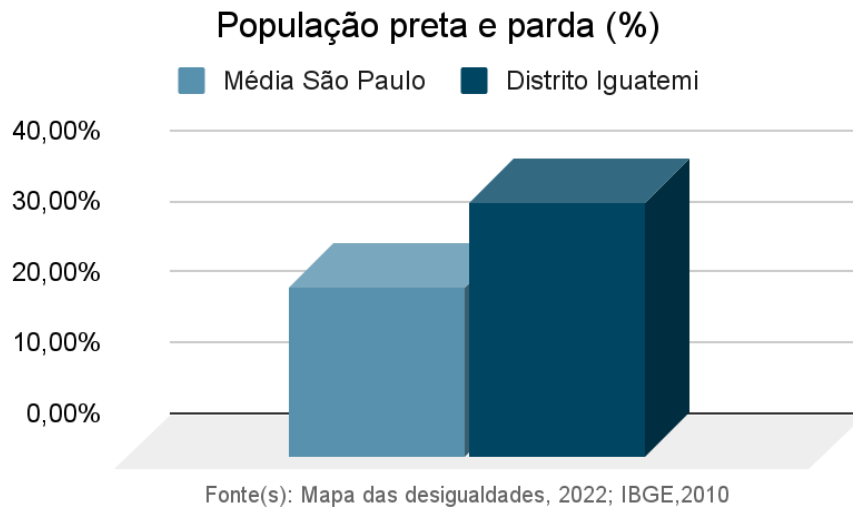
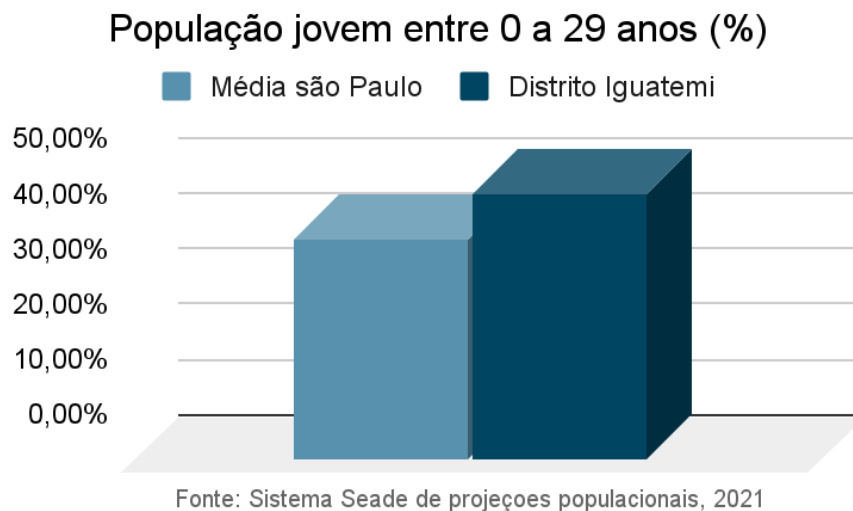


Gráfico 5



No gráfico 4 e 5 observamos a região do distrito Iguatemi com uma grande média populacional no que tange a população preta e parda, além da população jovem e infantil. Lamentavelmente, quando comparamos com a média de São Paulo, os jovens também são os que mais morrem no distrito Iguatemi. Esses números são, dentre outras coisas, frutos também da desigualdade social que faz com que muitos jovens percam suas vidas para a violência urbana. Outra pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Atlas da Violência apontou, em 2017, que pessoas de 15 a 29 anos eram os maiores alvos de homicídio no Brasil. Os seguintes gráficos confirmam essa tendência:

Gráfico 6

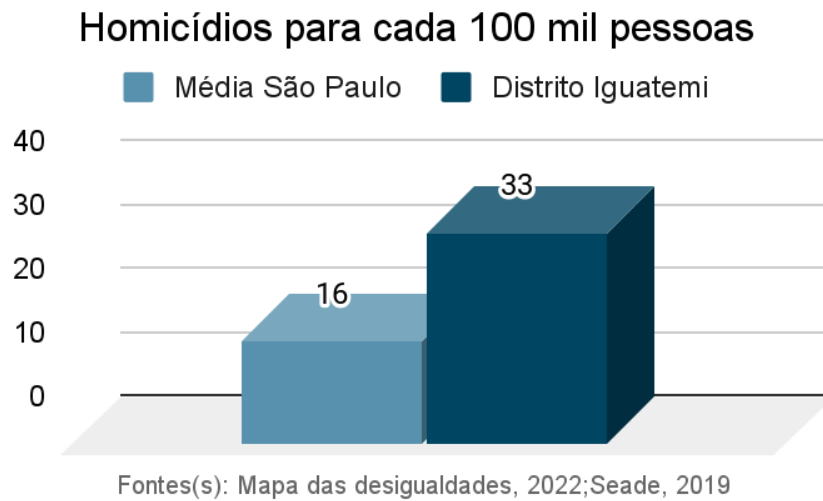
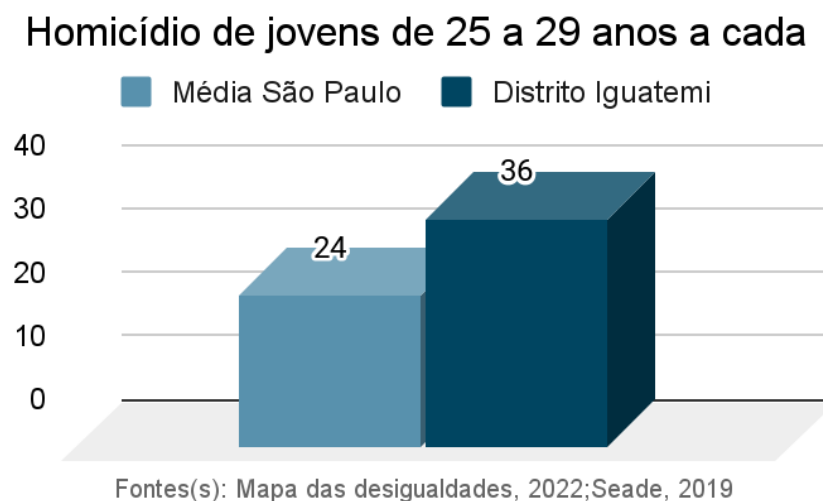
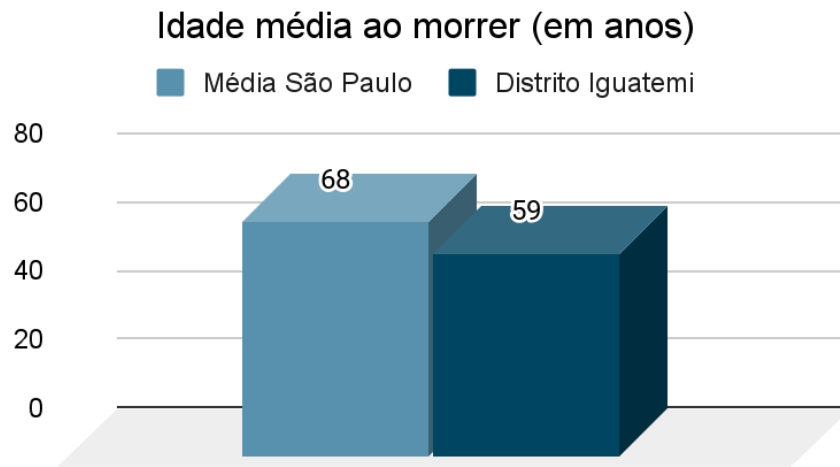


Gráfico 7



Infelizmente, o distrito Iguatemi se enquadra nesse contingente de violência e provoca, sem dúvidas, uma das menores expectativas de vida no município de São Paulo, como aponta o gráfico 8:

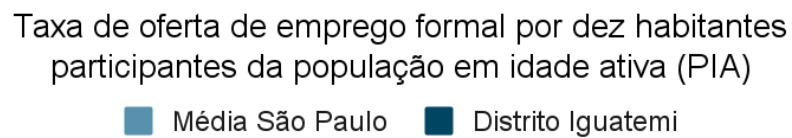
Gráfico 8



Fonte: Mapa das desigualdades, 2022

Além disso, os residentes do Iguatemi também enfrentam alguns desafios socioeconômicos, incluindo baixas ofertas de empregabilidade e baixos salários.

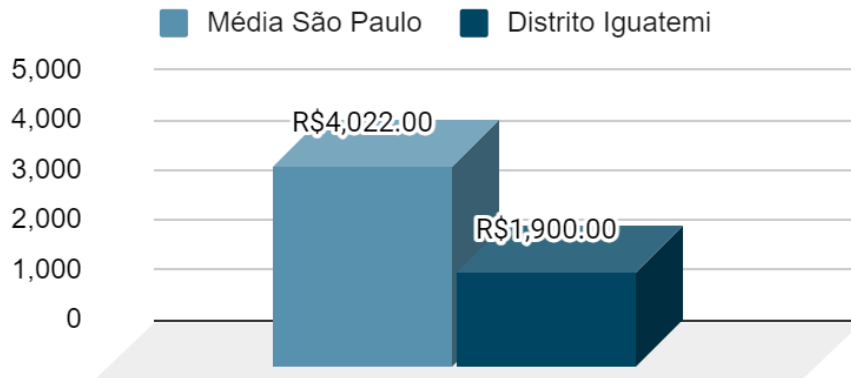
Gráfico 9



Fonte: Mapa das desigualdades, 2022

Gráfico 10

Remuneração média mensal do emprego formal (em R\$)



Fonte: Mapa das desigualdades, 2022.

A partir das observações e dos relatos dos moradores locais, é possível afirmar que a região inclui trabalhadores de diversas áreas, como profissionais autônomos, assalariados de baixa renda, comerciantes regionais, estudantes, aposentados e outros. O distrito também abriga uma variedade de grupos étnicos e culturais, incluindo pessoas de ascendência brasileira, afrodescendentes, indígenas e imigrantes de diversas partes do Brasil, sobretudo do nordeste, constituindo uma experiência racial, de gênero e de classe. Por conseguinte, estamos nos referindo a uma população majoritariamente preta, parda e pobre, que viu na autoconstrução de casas uma alternativa para sobrevivência na grande aglomeração que é a cidade de São Paulo. Essa mesma população pode ser caracterizada pela baixa expectativa de vida devido à violência urbana e pelas poucas perspectivas de ascensão financeira no mercado de trabalho.

CAPÍTULO 3. SERVIÇOS URBANOS-SOCIAIS DISPONÍVEIS NO DISTRITO IGUATEMI

Aroldo de Azevedo descreveu a região da Zona Leste, em meados dos anos 40, mencionando a precariedade das condições urbanísticas de sua ocupação e a ausência de indústrias instaladas e de comércio, levando a população habitante a se deslocar diariamente para o centro da cidade, para trabalhar, vender seus produtos agrícolas ou adquirir produtos de consumo (Azevedo, 1945).

“Com a expansão periférica garantia-se dois objetivos há décadas buscados pela elite: desadensar e segregar. Deste modo, os investimentos públicos poderiam ser concentrados nas áreas habitadas pela classe média e alta e, por outro, seria viabilizada uma alternativa de baixíssimo custo para que os trabalhadores tivessem acesso a casa própria, sem onerar o poder público e o setor privado”. (Bonduki, 1998).

Nessa perspectiva, historicamente, a favela é definida a partir de suas ausências, com base no que não seria ou pelo que não teria. É geralmente apreendido como um espaço destituído de infraestrutura urbana, sem arruamento, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral (SILVA, 2007). Consequentemente, a partir de relações sociais produzidas em dadas condições geográficas, o distrito Iguatemi se entrelaça com os problemas urbanos vivenciados em outras regiões periféricas da cidade, mas também possui suas singularidades próprias, dentro, inclusive, do próprio distrito. Logo, os serviços urbanos podem incluir uma variedade de infraestruturas e serviços essenciais para a comunidade local, tais como: abastecimento de água, saneamento básico, energia elétrica, transporte público, iluminação pública, coleta adequada de lixo, educação, saúde, segurança, áreas de lazer e cultura, etc. Estes são alguns dos serviços urbanos que deveriam estar à disposição da população, mas a disponibilidade e a qualidade dessas infraestruturas urbanas podem variar ao longo do tempo e de acordo com a localização específica dentro do distrito e da cidade como um todo.

Como vimos anteriormente, o distrito Iguatemi possui uma grande parcela de moradias que foram construídas em cima de loteamentos irregulares, que segundo a lei, esses loteamentos possuem registro no Cartório de Registro de Imóveis, mas não cumprem os requisitos estabelecidos pela Prefeitura, como a implantação de escoamento de águas da chuva, iluminação pública, esgotamento sanitário, abastecimento de água potável e energia pública e domiciliar, prejudicando os consumidores e moradores (Thiago Campos, 2017). Em vista

disso, e sabendo que os serviços urbanos de uma região estão diretamente relacionados à qualidade de vida e desenvolvimento social de um povo, analisaremos a disponibilidade e as características gerais dos serviços urbanos do distrito Iguatemi.

Tabela 1 - Cobertura de alguns serviços urbanos nos domicílios mais pobres (%). Município de São Paulo, 2004.

Serviço	Cobertura
Energia elétrica	97,4%
Rede de água	96,70%
Coleta de lixo	92,70 %
Água chega todo dia	92,00 %
Transporte público próximo	89,60%
Calçamento	83,70%
Iluminação pública	76,00%
Esgoto	75,00 %
Parque ou praça próximos	46,80%

Fonte: CEM-Cebrap/Ibope. Survey de acesso da população mais pobre de São Paulo a serviços públicos, nov. 2004.

Na tabela 1, é possível observar que os serviços urbanos mais essenciais, como água e energia elétrica, costumam chegar de forma mais branda para os domicílios mais pobres do município de São Paulo. Por outro lado, serviços de lazer, saneamento e iluminação pública tendem a ser mais escassos para a população residente nessas regiões, como é o caso do distrito Iguatemi.

Tabela 2 - Indicador Sintético de Acesso a Serviços Urbanos e Ambiente Construído, Segundo Macrorregiões (%). Município de São Paulo, 2004.

	Região periférica	Região Intermediária	Região Central
Serviços inadequados	45,90 %	27,10 %	22,10%
Serviços deficientes	33,70 %	33,90 %	33,30%
Serviços adequados	20,40 %	39,10 %	27,80%
Total	100 %	100%	100%

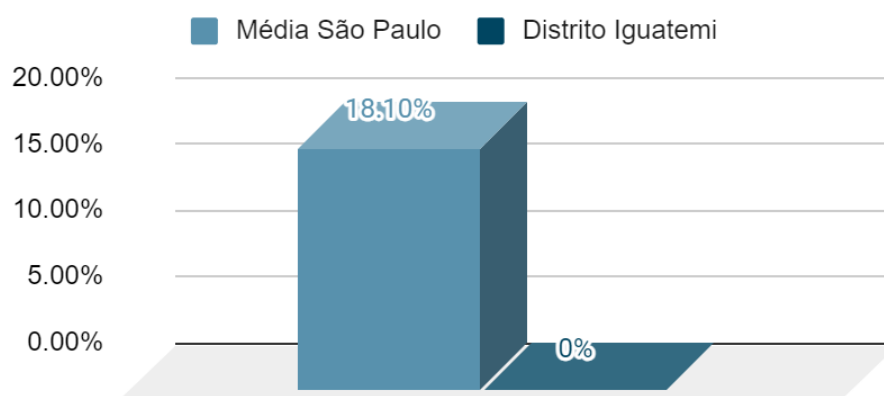
Fonte:CEM-Cebrap/Ibope. Survey de acesso da população mais pobre de São Paulo a serviços públicos, nov. 2004.

A tabela 2, por sua parte, discorre a respeito da qualidade dos serviços prestados nas regiões periféricas, intermediárias e centrais da cidade. Percebemos um desfalque ao compararmos as regiões, uma vez que, os serviços considerados inadequados chegam a 45,9% em regiões menos favorecidas de infraestrutura urbana.

3.1 TRANSPORTE

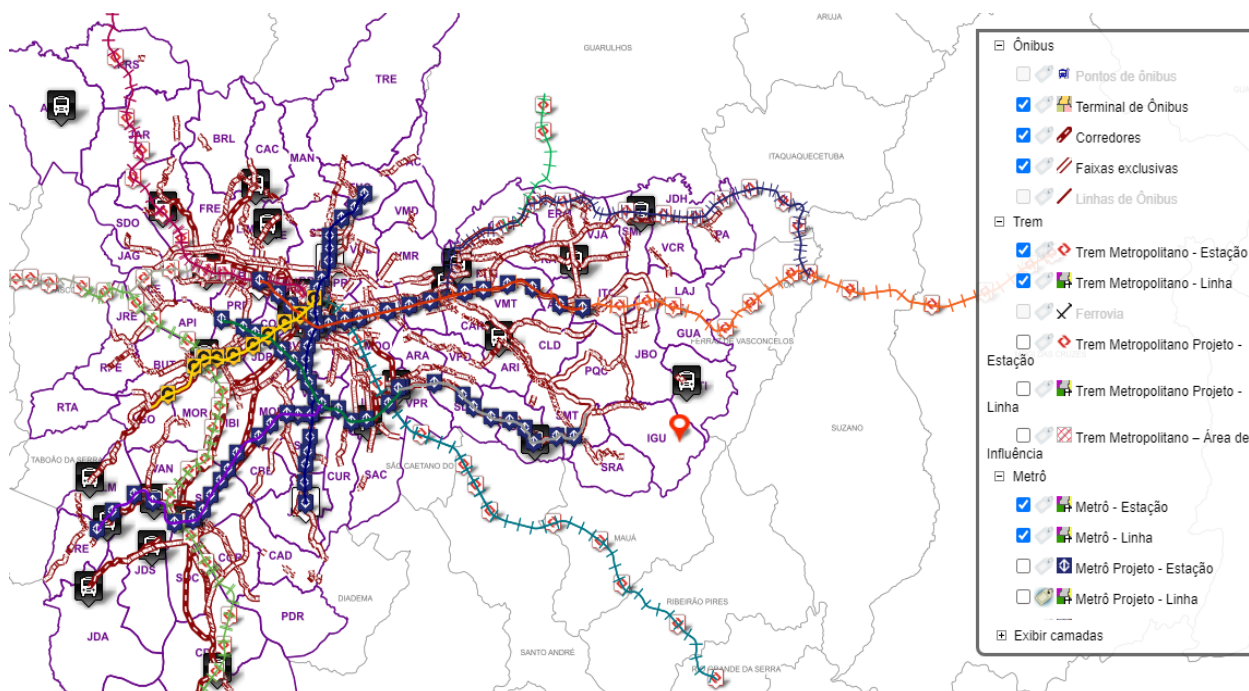
Gráfico 11

Acesso a transporte de massa - (%) da população que reside em um raio de até 1 km de estações de transporte público de alta capacidade (trem, metrô e monotrilho)



Fonte: mapa das desigualdades, 2022

Figura 7 - Sistemas de transporte na cidade de São Paulo (ônibus, trem, metrô, terminal de ônibus, corredores e faixas exclusivas) em 2024, com o distrito Iguatemi à direita



Fonte: Geosampa, acesso em 4/01/2024

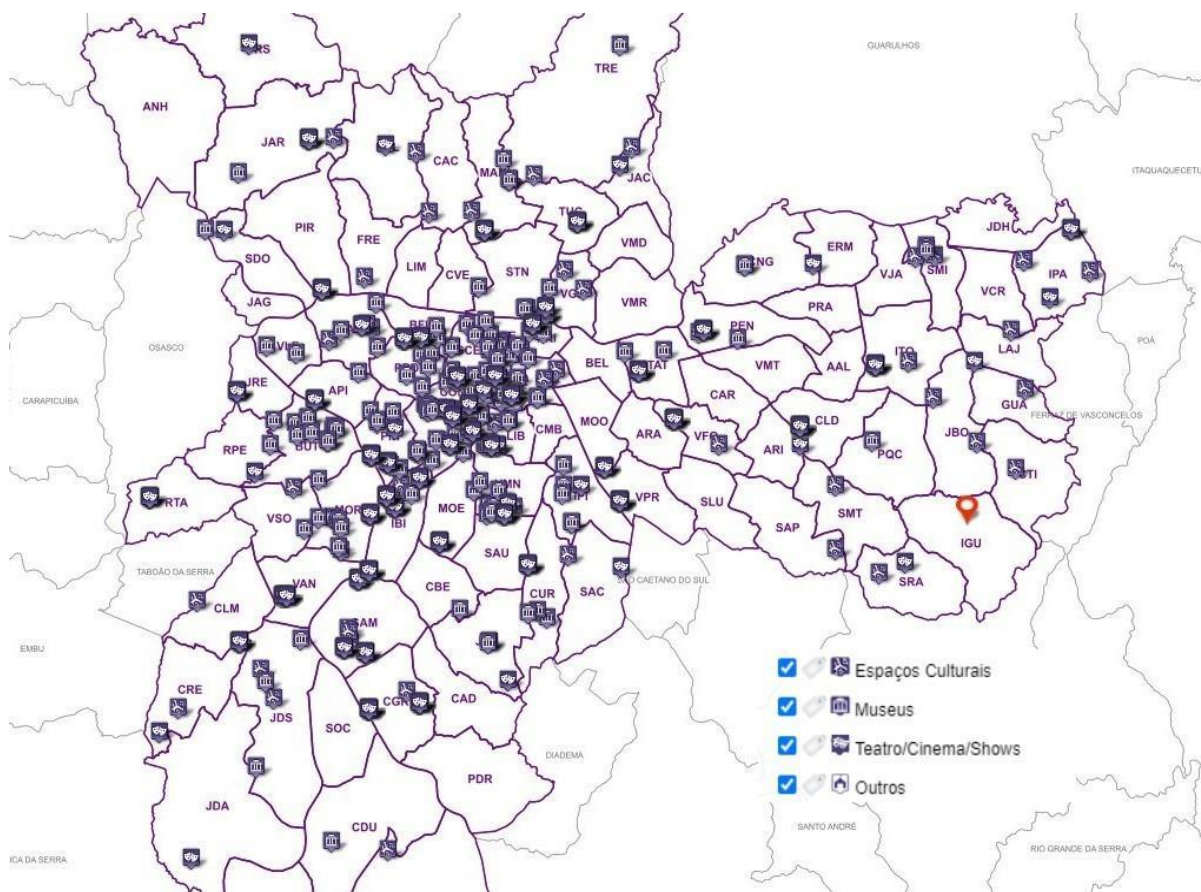
Além de não possuir nenhuma estação de trem, ônibus ou metrô, o distrito Iguatemi também não comporta nenhum terminal ou corredor exclusivo para ônibus, ficando quase que totalmente excluído do sistema de transporte público da cidade de São Paulo.

Enquanto as regiões periféricas contam com poucas linhas de ônibus, os principais meios de transportes ficam restritos a zonas centrais e intermediárias da cidade, como vimos na figura 6. Portanto, esse é um dos principais fatores que agrava o tempo médio para se chegar ao trabalho para quem mora na região, podendo ultrapassar as 3 horas no percurso de ida e mais 3 no percurso de volta, totalizando mais de 6 horas diárias no transporte público, como bem relataram alguns moradores. O principal meio de transporte usado pelos moradores ainda são linhas de ônibus com destino a alguma estação de metrô localizadas na Zona Leste, como o metrô Carrão ou o metrô Itaquera.

3.2 LAZER

Outro aspecto em que o distrito Iguatemi não marcou ponto foi na proporção de centros culturais e casas de cultura municipais, como indica a figura a seguir:

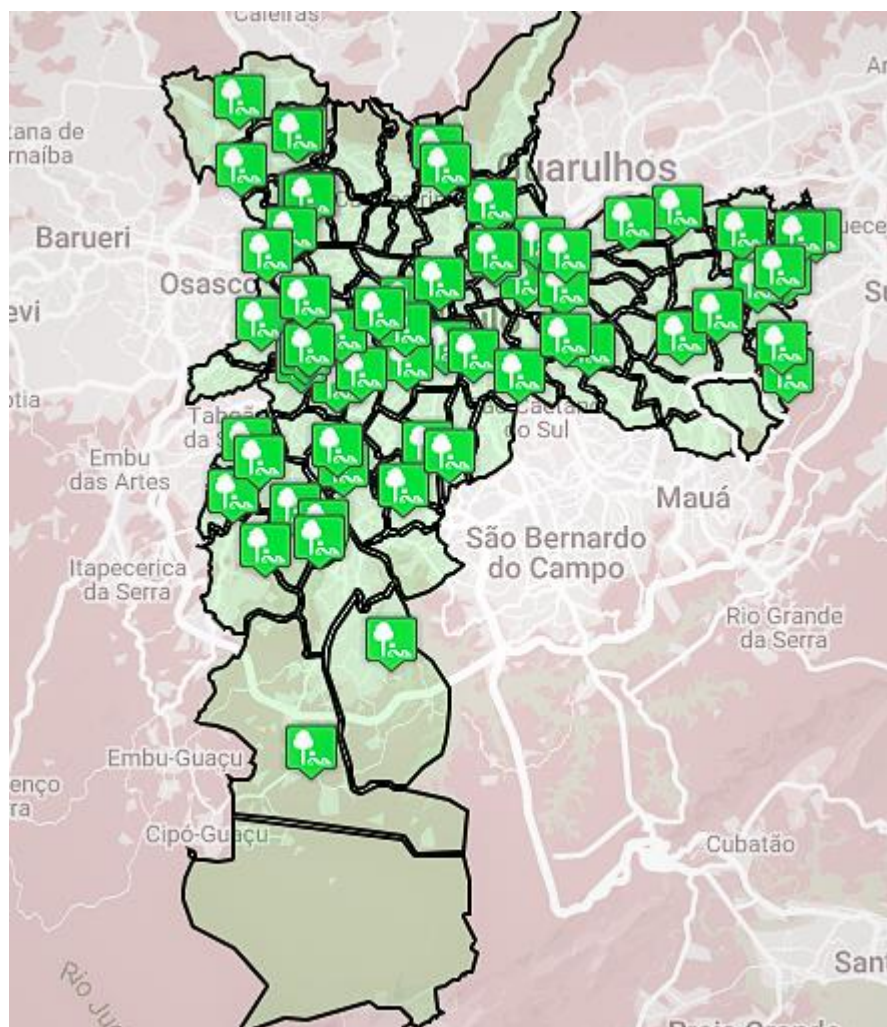
Figura 8 - Centros culturais no município de São Paulo



Fonte: Geosampa, acesso em: 05/01/2024

Apesar do distrito Iguatemi possuir uma média populacional maior do que a média populacional paulistana, o mesmo não oferece nenhum espaço cultural, sendo necessário se deslocar para o centro de São Paulo e suas regiões adjacentes. Nesse sentido, sabendo que a disponibilidade de espaços culturais são essenciais para o desenvolvimento da sociedade e que desempenham um papel extremamente importante no fortalecimento das regiões periféricas de um município, promovendo a expressão cultural, o desenvolvimento local, a inclusão social e a resistência. Como, então, que os moradores do distrito Iguatemi se sentem representados ?

Figura 9 - Levantamento de parques da cidade de São Paulo



Fonte: Google Maps, 2023.

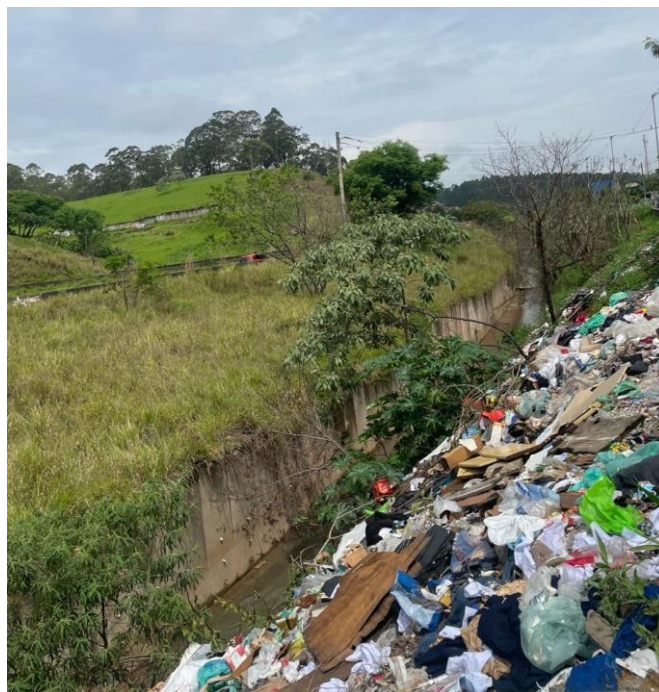
Em relação aos parques, embora também desempenhem um papel fundamental em diversos aspectos, contribuindo para o bem-estar social, ambiental e econômico da comunidade, ainda assim, o distrito Iguatemi não dispõe de nenhum parque para atividades de lazer, sendo necessário o deslocamento para outras regiões da cidade.

3.3 SERVIÇOS BÁSICOS

A respeito da limpeza urbana, todos os moradores com quem conversei relataram que de fato acontece a coleta de lixo em boa parte dos logradouros do distrito, entretanto, andando por alguns lugares foi possível notar muito lixo a céu aberto em diversos locais. O acúmulo de lixo nessa região do distrito, se dá, entre outros motivos, pela presença de moradores em

moradias irregulares que não possuem coleta semanal dos resíduos. Alguns, inclusive, moram na margem do córrego mostrado nas próximas imagens:

Imagem 5 - Acúmulo de lixo ao lado de um córrego no distrito Iguatemi



Fonte: ROCHA, Ismael, 2023

Imagem 6 - Moradias irregulares à margem do córrego da Av. Vice-Presidente José Alencar Gomes da Silva, Jd. da Conquista - SP.



Fonte: ROCHA, Ismael 2023.

No que se refere ao calçamento, algumas ruas foram encontradas esburacadas, sem asfalto, ou então, muito estreitas. Foi possível notar que o calçamento estava presente, sobretudo, nas principais ruas e avenidas, enquanto isso, alguns dos logradouros residenciais se encontravam da seguinte maneira:

Imagem 7 - Asfalto irregular



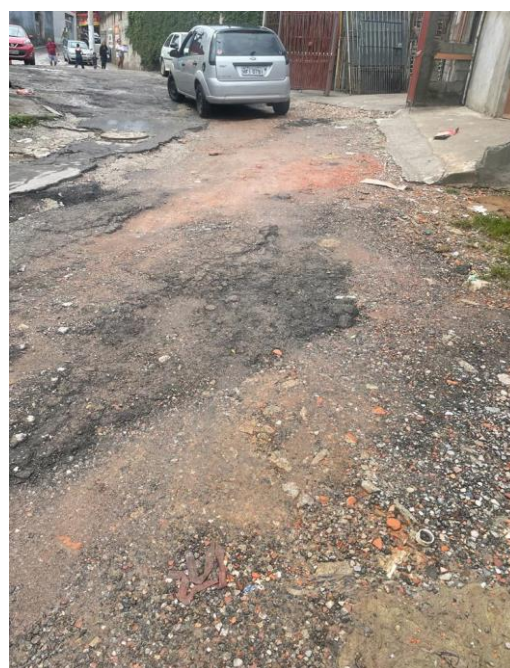
Imagem 8 - Rua estreita



Imagem 9 - Asfalto esburacado



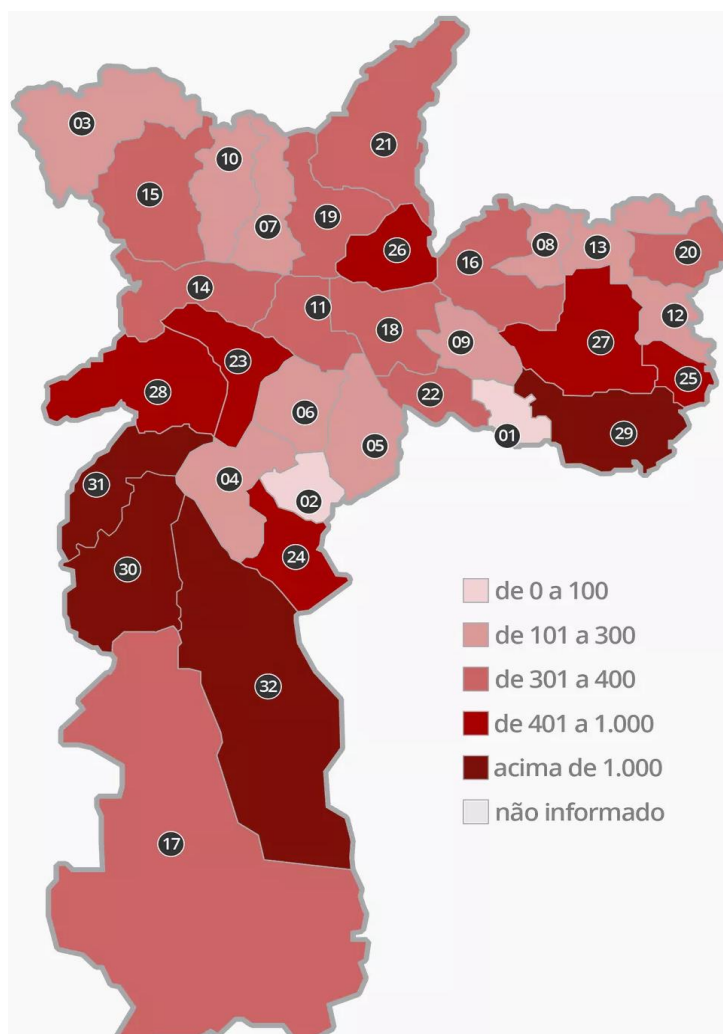
Imagem 10 – Asfalto acidentado



Fonte: ROCHA, Ismael 2023.

Para finalizar, a ausência de iluminação pública nas vias da subprefeitura de São Mateus, onde se localiza o distrito Iguatemi, podem ser percebidas em várias ruas, tendo recebido, em 2018, mais de mil pedidos de moradores locais para que postes de iluminação fossem alocados.

Figura 10 - Pedidos de postes de iluminação recebidos por Prefeitura Regional em 2018, com o distrito Iguatemi representando o número 29:



Fonte: Secretaria das prefeituras regionais, Ilume e lei de acesso à informação, 2018. Elaborado por: Rodrigo Cunha e Juliane Monteiro/G1

Como vimos, o problema habitacional tende a acarretar em outros problemas urbanos, como o acúmulo de lixo, ausência de saneamento básico, de iluminação pública, precariedade do transporte, carências de áreas de lazer, cultura, etc. Por isso, quando acrescidos os fatores do boom populacional a partir da década de 1970, a autoconstrução de casas sem planejamento prévio e a ausência do Estado, os serviços urbanos disponíveis do distrito Iguatemi se mostraram escassos e, muitas vezes, inexistentes. Isto é, mesmo que a população das periferias

de São Paulo tenha tido acesso a casa própria autoconstruída, aumento salarial nos últimos anos e acesso ao mercado de consumo, as problemáticas urbanas ainda continuam.

“Ou se remunera os capitais (...) ou se investe na reprodução do trabalhador: saúde, educação, transporte, moradia, saneamento... O problema não se resolve com a distribuição de renda do salário. Porque mais salário não compra o transporte coletivo; não compra uma boa localização na cidade, porque isso fica mais caro. Aumento salarial é absorvido pelo custo da cidade e isso só se resolve com políticas públicas. Reconheço que houve distribuição de renda para comprar carros, motos, eletrodomésticos, uma televisão melhor... não condeno isso, pois uma máquina de lavar roupa, uma geladeira é importante... mas ninguém vive só dentro de cada: vive na cidade.” Maricato, 2015.

Por conseguinte, o distrito Iguatemi pode ser caracterizado como um “distrito dormitório” devido a necessidade de deslocamento para outras áreas do município de São Paulo quando o assunto é cultura, lazer, e, acima de tudo, emprego formal. Evidenciando, dessa maneira, a segregação espacial e as duras centralidades econômicas e culturais impostas para os moradores de regiões periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ocupado de forma mais intensa entre os anos de 1970 e 1980, o distrito Iguatemi se tornou um refúgio para trabalhadores que buscavam alcançar o sonho da casa própria, já que não tinha mais espaço para essa parcela da população no centro da cidade, devido ao encarecimento dos aluguéis, de casas e de terrenos. Ou seja, ocupar uma região ainda pouco habitada numa metrópole como São Paulo, tornou-se a única alternativa. Hoje em dia, apesar da recente ocupação, o distrito em questão comporta uma população maior do que a média populacional da cidade de São Paulo.

Inserido nesta lógica da autoconstrução, o ideal da casa própria no distrito Iguatemi passou a abranger diversas funções, visto que, além de representar abrigo e proteção, a casa própria alimenta o sentimento de liberdade social e financeira. Essa prática do trabalhador construir a própria moradia é muitas vezes uma resposta à falta de habitação adequada, recursos financeiros limitados e, em alguns casos, ausência de regulamentações mais rigorosas.

Consequentemente, conforme vimos ao decorrer do trabalho, os moradores locais do distrito Iguatemi são majoritariamente pobres, pretos e migrantes nordestinos. Estes moradores enfrentam inúmeros desafios sociais urbanos, incluindo a falta de empregos formais próximos e a falta de acesso a serviços públicos essenciais. Logo, quando comparados com a média paulistana, a população residente possui uma baixa expectativa de vida e uma baixa remuneração salarial.

Desse modo, é possível concluir que a ocupação desenfreada no distrito Iguatemi desencadeou uma série de problemas urbanos e sociais, provocados a partir da necessidade de reprodução capitalista, em que submete a precarização do trabalhador e, consequentemente, a busca pela casa própria, independente das condições urbanas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

KOWARICK, Lúcio. **Espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

LENCIONI, Sandra. **Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar**. Revista de Geografia Norte Grande, Santiago, nº 39, maio 2008.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo, Hucitec, 1996.

MARICATO, Ermínia. **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-omega, 1982.

PONCIANO, L. **São Paulo 450 bairros, 450 anos**. São Paulo: Senac – SP.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade ?** - São Paulo: Brasiliense, 1988 (coleção primeiros passos 203).

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19ª Ed; Rio de Janeiro: Record, 2010.

SAULE JÚNIOR., N. **O direito à cidade e a revisão da lei do parcelamento do solo.** In: _____. (Org.). A perspectiva do direito à cidade e da reforma urbana na revisão da lei de parcelamento do solo. São Paulo: Instituto Polis, 2008, p. 7-29.

SILVA, J. S. **Um Espaço em Busca do Seu Lugar: as favelas para além dos estereótipos.** In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. “Território, Territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial”. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

TOLEDO, R. P. DE. **A Capital da Solidão.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

108º Aniversário do Jardim Iguatemi. 16 abr. 2008. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/noticias/?p=3912. Acesso em: 1 jul. 2023.

NA ZONA LESTE, bairros do Iguatemi têm ares de interior e problemas de cidade grande. 22 fev. 2021. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/na-zona-leste-bairros-do-iguatemi-tem-ares-de-interior-e-problemas-de-cidade-grande/>

LOTEAMENTOS irregulares e loteamentos clandestinos. [S. l.], 12 abr. 2017. Disponível em: <https://juridicocerto.com/p/thiagocampos/artigos/loteamentos-irregulares-e-loteamentos-clandestinos-3598>. Acesso em: 5 jan. 2024.

MORADORES protestam contra reintegração de posse em SP. [S. l.], 13 jun. 2023. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/bora-brasil/ultimas/moradores-protestam-contrareintegracao-de-posse-em-sp-16609283>. Acesso em: 11 ago. 2023.